Jornal dos Sports, Dommingo, 7/5/1967

"Gostava de qualquer espécie de música, fosse qual fosse; e amava os instrumentos musicais, sentindo-me sonhar ante qualquer melodia, canções de ama-secas, ninando crianças ou mesmo a rude música urbana, com os rumores do bondes, carroças, pregões, tudo isso me encantava". (Noel Rosa, citado por Lúcio Rangel).

Presença e permanência de Noel

"Sábado, 1° de maio, dia luminoso e fresco, Noel animado pelo aspecto daquela manhã, resolveu visitar a represa do Ribeirão das Lajes, nas proximidades do Piraí. Durante o passeio, em companhia da esposa, apesar de bem agasalhado, sentiu vários arrepios provocados pelas rajadas de ventos frios, à beira dos imensos reservatórios de água. Ao regressar, no bondinho desprotegido, os arrepios se acentuaram, sobrevindo a febre. E no hotel, foi acometido de forte hemoptise. Lindaura, sobressaltada, apressou o regresso e, no dia seguinte, ambos se achavam no Rio. O estado de Noel era critico".

"No dia, à Rua Teodoro da Silva n° 385, festejava-se o aniversário de dona Emilia, esposa de Vicente Gagliano (violinista) apelidado de sabonete, pois no principio de sua vida negociava com perfumarias. A festinha seria animada pelo jazz de Heitor".

"O enfermo, à tarde, caíra em completa prostração, mal dando acordo de si. Graça Melo, Dr. Renato Batista e sua filha Marília e Orestes Barbosa permaneceram ao seu lado alguns momentos. Pela casa, a triste quietude dos sussurros e de rumores abafados".

Entre 1929 e 1937 – um período de apenas oito anos – Noel Rosa compôs um número superior a duzentas músicas: sambas em sua maior parte, e marchas (em suas várias modalidades), choros, toadas, valsas, emboladas e paródias. Essa obra é hoje, talvez, o marco mais importante da história de nossa música popular. E não é à toa: pois de "Coisas do Sertão" e "Minha Viola" a "Último Desejo" (cronologia de Almirante, em "No tempo de Noel Rosa"), Noel praticamente "codificou", criando incessantemente, a arte e as bossas dessa música.

Nãos era a análise a propósito do presente comentário: nada teríamos que acrescentar, pelo menos por enquanto, ao farto material publicado a respeito de Noel Rosa. Nem pretenderíamos, visto que a intenção é diversa e menor: quando se comemora o trigésimo aniversário de sua morte (e será mesmo "comemora" o termo?), nosso propósito é louvar. Louvar Noel e meditar sobre sua obra. Como se nos puséssemos a cantar aqui os seus duzentos e oito sambas, e cantar reclamando um

côro: assim faríamos melhor nossa homenagem, embora falar de Noel também sirva. Falar de Noel como se fala de um velho amigo distante, comovidamente, lembrando fatos de sua vida, que não assistimos, mas conhecemos através dos relatos de seus cronistas. Assim como Almirante conta os seus últimos dias.

"Por volta das 21h20min, enquanto donas Marta e Lindaura, no portão, se despediam de amigos da família, seu irmão, Helio, vigilante a cabeceira, notou que o doente abria os olhos, esgazeadamente. E como Hélio lhe indagasse do que sentia, Noel respondeu em voz quase imperceptível.

- Estou me sentindo muito mal. Quero virar para o outro lado...

O irmão o ajudou. Ao fazer um movimento, a mão de Noel se estendeu para a mesinha de cabeceira e, no seu tampo, como que obedecendo a um tique nervoso, ficou batendo pancadas surdas, ritmadas, esmorecendo, ralentando. "Por fim, a mão quedou imóvel".

A roupa e o hino

Ainda Almirante:

"Em Vila Isabel, no cruzamento do Boulevard com a Rua Sousa Franco, no Ponto de Cem Réis, havia dois cafés: o Café Bilhares Rio Clube e o Café Vila Isabel. Os jovens ali se reuniam – "cambadas de prontos", como os classificavam os sisudos chefes de famílias... – palestrando ruidosamente. Praticamente, nenhum rapaz possuía um nível alem do necessário às viagens de bonde para ir e vir de seus trabalhos.

"Já em 1927/19228 era usual ali, uma expressão comum nas conversas das esquinas, especialmente pelos elementos ligados à reserva naval ou ao tiro naval:

- "com que roupa?..."

A Noel Rosa, já então excelente observador de modismos e "habitué" daqueles cafés, não poderia passar desapercebido a expressão pitoresca. "Daí o tê-la aproveitado com tanta felicidade, em meados de 1922, em um samba magistral".

"Composto o samba, Noel o levou a Homero Dornelas, a quem todos nós recorríamos a fim de passar para o papel as melodias que somente podíamos reter na memória. Atentamente, Dornelas ouviu o que Noel cantarolou.

Agora vou mudar minha conduta...

"Parecendo não ter entendido bem a melodia, pediu bis:

Agora vou mudar minha conduta...

-Espere aí, Noel. Este samba não pode ser publicado!

A advertência estourou como uma bomba nos ouvidos do compositor.

- Ora essa, por quê? Indagou aflito.
- Porque isto não é samba. Isto é hino. E o Hino Nacional exclamou Dornelas. E juntando a palavra ao gesto, feriu o piano, com a devida harmonia identificadora, os compassos iniciais do Hino Nacional Brasileiro.
- E agora? perguntou Noel.
- É simples respondeu Dornelas Basta uma ligeira modificação no movimento melódico e o samba já fica outro. E enquanto falava, rapidamente desenhava na pauta, substituindo notas aqui e ali, sem prejudicar o espírito da composição original e inspiradora. "Terminada a obra (setembro ou outubro), Noel versejou logo com acentuado bom-humor, compondo várias estrofes, numa demonstração de sua capacidade de rimar e da precisão das suas tônicas".

Para o leitor, um exemplo pouco conhecido:

Você não é nenhum artigo raro

Mas eu declaro

Que você é um bom peixão

E hoje que você se vende caro

Creio que você não tem razão

O peixe caro é a garoupa

Com que escama e com que roupa

uma paródia

Noel Rosa fez muitas paródias para melodias populares em sua época: a maior parte delas é absolutamente impublicável em jornal. (Perguntem ao Bricio de Abreu, que conhece uma porção delas ultra-indecentes). Outra notadamente critica chegaram a ser gravadas e mais algumas ficaram nos botequins e nos programas de rádio. Certa ocasião — a fonte é Jaci Pacheco — apareceu na cidade uma valsa, "Boneca" (conhecida até hoje "eu vi numa vitrine de cristal, etc"), cuja a letra era um primor de lugar-comum, Noel não perdoou: "soltou" logo uma paródia. E aproveitou para "soltar a carga" no português do armazém que já naquele tempo era o alvo predileto do "nacionalismo" de muita gente, inclusive dele. Na letra ele dizia:

Eu vi num armazém de Cascadura

Seu Zé vendendo a mil-e-cem

Trezentos réis de rapadura

Lá no Banco do Brasil

Seu Zé depositou cem mil

Botando água no vinho do bom

-Viva o Brasil!

Trsiteza e eeei

A medida em que a doença o consumia, contam os seus biógrafos, Noel foi deixando de lado o tom "humorístico", sarcástico que caracteriza fortemente a primeira parte de sua obra, caindo aos poucos numa tristeza quase mórbida.

Dessa época, datam os seus famosíssimos Maria Fumaça, X do problema, Dama do Cabaré e finalmente Último desejo. Muitas dessas músicas foram inspiradas pelas explosivas paixões a que Noel sempre se submetia. Araci de Almeida, sua maior interprete, tem cantado muito, e de público sobre a maior e mais efervescente desses amores: Ceci, para essa mulher, que Noel conhecera numa noite de junho, "festa de São João", no Cabaré Apólo de um dos seus mais belos e inspirados sambas:

Pra que mentir

Se tu ainda não tens a malicia de toda mulher

Pra que mentir

Se eu sei que gostas de outro

Que te quis

E não te quer

Ainda para Ceci(conta Araci de Almeida), Noel compôs "Só pode ser você", outro samba belíssimo:

Compreendi seu gesto

Você entrou

Naquele meu chalé modesto

Porque pretendia somente saber

Qual era o dia

Em que eu deixaria de viver

E mais este pouco conhecido, "Quantos beijos"

Quantos beijos...

Quando eu saio, meu Deus, quanta hipocrisia

Meu amor fiel você traia

Só eu é que não sabia...

Depois de sua morte, ocorrida a exatamente 10 anos e três dias, a enorme produção musical desse poeta começou a se tornar mais conhecidas do público. E Noel é hoje uma das mais importantes figuras de nossa história musical, senão o mais importante.

Sua obra é patrimônio de nossa cultura, suas canções andam pela boca do povo.

De fato, e categoricamente, é possível afirmar que Noel Rosa foi um dos maiores poetas que já tivemos. Um poeta – sim senhores! Somente com um pleno conhecimento que ele nos deixou será possível a qualquer pessoa entender o samba e amá-lo como a primeira manifestação realizada de nossa cultura.

Essa realização primeira, sem dúvida, nós a devemos a Noel Rosa, poeta da Vila, desta cidade do Rio e Brasil.